
Escola Específica X Escola Comum: A construção da identidade do aluno surdo em diferentes espaços escolares¹

Valdenize Gomes de Souza²

ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3162113414391845>

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo fazer um estudo comparativo entre os alunos surdos inseridos no Ensino Regular e os das Escolas Específicas verificando como se dá a construção da identidade desses sujeitos em diferentes espaços escolares. O estudo se caracteriza por uma pesquisa qualitativa, fundamentada em uma abordagem socioantropológica e na pesquisa de campo, sendo esta realizada em duas escolas da rede municipal de ensino; a primeira, uma escola específica em que funciona as modalidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental; e a segunda, uma instituição de ensino regular na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Durante a coleta de dados, contou-se com a presença do professor intérprete de Libras e foram entrevistados 04 alunos. Constata-se que o elemento caracterizador da identidade de qualquer indivíduo é a língua. É ela quem diz quem somos e de onde somos.

Palavras-chaves: Escola específica; Escola regular; Surdo; Identidade; Libras.

Abstract

The present research aims to make a comparative study between deaf students inserted in Regular Education and those in Specific Schools, verifying how the construction of the identity of these subjects takes place in different school spaces. The study is characterized by a qualitative research, based on a socio-anthropological approach and on field research, which was carried out in two schools in the municipal school system; the first, a bilingual school in which the modalities of Early Childhood Education and Elementary Education work; and the second, a regular education institution in the Youth and Adult Education modality. During data collection, the Libras interpreter teacher was present and 04 students were interviewed. It appears that the characterizing element of any individual's identity is the language. It is she who says who we are and where we are from.

Keywords: Specific school; regular school; Deaf; Identity; pounds.

Tramitação:

Recebido em: 19/03/2022

Aprovado em: 23/10/2022

Introdução

O atual contexto educacional social desafia e até mesmo pressiona os profissionais da educação diante do paradigma existente da inclusão escolar. Questões essas as quais têm provocado diferentes manifestações, discussões e práticas pedagógicas diferenciadas em nosso país. Nas últimas décadas, é possível perceber grandes discussões voltadas à inclusão

¹ Este trabalho é uma versão revisada de publicação realizada em congresso científico.

² Estudante de graduação. Curso de Letras Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Amazonas.



escolar de pessoas portadoras de necessidades educacionais especiais. Nesse sentido, o presente estudo se propõe a investigar como ocorre a construção da identidade do aluno surdo em ambiente de Escola Específica e em ambiente de Escola Comum.

Inúmeros documentos foram criados visando à garantia da inclusão escolar. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96, no capítulo V, em seu Artigo 58 contempla a modalidade de educação escolar, denominada Educação Especial, que traz em seu documento várias providencias.

No entanto, o movimento de inclusão tem gerado grandes polêmicas dividindo opiniões entre profissionais da educação, pais de alunos portadores de necessidades educacionais especiais e, até mesmo, o poder público. Muitos professores alegam, que mesmo favoráveis à inclusão, a escola e até os próprios professores não estão preparados para receber esses alunos. Alguns pais, por outro lado, ignoram os fatores elencados pela escola e lutam pelo ingresso de seu filho no ensino regular e, principalmente, pelo direito à educação. O poder público, por sua vez, é “favorável” à luta dos pais alegando cumprir simplesmente o que está posto em Lei. No entanto, na grande maioria dos casos, ela não dispõe de condições mínimas necessárias para que a inclusão aconteça e faça a diferença na vida daqueles que se inserem nesse processo.

A escola, enquanto espaço de interação, desempenha um papel fundamental na promoção do conhecimento social como também na construção da sua identidade. Diante dessa constatação, questiona-se como esse processo de construção está ocorrendo com sujeitos surdos?

Para isso, este estudo se caracteriza por uma pesquisa qualitativa, fundamentada em uma abordagem socioantropológica e na pesquisa de campo, sendo esta realizada em duas escolas da rede municipal de ensino; a primeira, uma escola específica em que funciona as modalidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental; e a segunda, uma instituição de ensino regular na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

A tabulação dos dados se deu a partir de entrevistas e observações que revelaram a rotina das escolas e a atuação do aluno surdo dentro de diferentes espaços escolares. Foram feitas perguntas abertas e contou-se com a colaboração de um intérprete de libras. Essas perguntas foram transformadas em tópicos de discussão que abordaram a construção do “eu” enquanto sujeito surdo; um olhar a partir de uma escola específica e regular e a importância



da Libras na construção da identidade surda. As falas dos entrevistados compoem esses tópicos sendo embasados teoricamente por autores que abordam esses temas.

Identidade e/ou diferença

A identidade é um dos temas que vem sendo tratado com frequência na atualidade e toma concepções cada vez mais distintas. Alguns falam até em “crise de identidade”. Utilizou-se como referência para este tópico os trabalhos de Silva (2000), Hall (2003), dentre outros que enfatizaram essa temática.

Stuart Hall, em *A Identidade Cultural na Pós – Modernidade* sugere a identidade em três concepções: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

Na primeira concepção (sujeito do iluminismo) - o sujeito é totalmente centrado, unificado, dotado de razão, consciência e ação; surge no nascimento e se desenvolve ao longo da vida, na qual sua essência permanece a mesma. Essa concepção de sujeito do iluminismo tem caráter individualista e é descrito como masculino.

Com o advento do mundo moderno, o sujeito ideológico se percebe como não autônomo e como um sujeito que interage junto com outras pessoas. Começa a aparecer o conceito de masculino e feminino. Nessa concepção, a identidade é formada pela interação do sujeito com a sociedade. Essa interação acontece com “pessoas importantes para ele”, com pessoas que farão a mediação dos valores, dos símbolos, da cultura vigente na sociedade. Esse sujeito ainda é composto interiormente de um “eu real” que é formado e modificado a partir do contato com culturas exteriores e com identidades presentes nesse mundo.

Dá-se início então a um processo de modificação da identidade, o que antes era estável e unificado, torna-se variável, provisório e, muitas vezes, não definido. Essa modificação faz surgir a última concepção de sujeito já exposta: o sujeito pós-moderno. Nessa percepção, o sujeito não possui uma identidade definida, fixa, porém ela é representada ou interpelada de acordo com o sistema cultural ao qual está inserido. É definida historicamente e não biologicamente. Elas não são unificadas ao redor de um “eu”, mas assumimos diferentes identidades em diferentes momentos. Dentro dos sujeitos, há identidades contraditórias as quais rumam para inúmeras direções, de forma que essas identidades fiquem deslocadas. Stuart Hall (2003) afirma que se sentirmos possuir a mesma identidade, desde o nascimento até a morte, é porque construímos uma cômoda história de nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A construção de uma identidade fixa é ilusão. De acordo com a multiplicação dos sistemas culturais, somos cada vez mais confrontados com uma pluralidade



de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar e assumi-la de acordo com a situação que estejamos vivenciando.

Quando se fala em identidade, automaticamente, fala-se em diferença (ou vice-versa). As discussões acerca da diferença se referem logo à exclusão. Tomaz Tadeu da Silva aponta inúmeras questões sobre isso. Para ele, “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença” (SILVA, 2000, p.39), seja por meio de sistemas simbólicos de representação ou pela exclusão social.

A identidade é baseada em sistemas classificatórios, em grupos opostos (nós/eles), no qual Nós, é o grupo normal e Eles são os que não se enquadram na normalidade, é a diferença. “A identidade não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença” (SILVA, 2000, p. 39). Uma identidade é sempre produzida na relação com outra, ela vai ser aquilo que esta não é. Nessa relação dicotômica acaba havendo a supervalorização de um sobre o outro; o “outro” vai ser aquele que não se encaixa na maioria, na normalidade. “Falar da diferença, provoca, ao mesmo tempo, uma problematização sobre a oposição entre normalidade e anormalidade e, inclusive, a problematização da própria normalidade, do cotidiano” (SKLIAR, 1998, p. 5).

Identidade e diferença marcam uma relação de dependência. A identidade é posta como uma referência, é aquilo que se é, parte-se dela para demarcar o outro, o diferente. Demarca-se também quem pertence e quem não pertence, o incluído e o excluído. Para Silva, identidade e diferença estão associadas a questões sociais e, conseqüentemente, a relações de poder.

Skliar (2003, p. 25) considera que “o Outro aparenta ser distante, exterior a nós, como algo que não somos; que pode ser o outro próximo ou o outro radical, mas que esses outros podem ser eu, sermos nós”. Assim como os conceitos e a existência de identidade faz surgir a existência da diferença. O mesmo acontece com os conceitos de “nós” e os “outros”, um depende do outro para existir.

Em qualquer esfera da sociedade, atribuímos ao outro algo que se difere de mim, (por exemplo), na escola ou no contexto educacional como um todo, acontece da mesma forma. O aluno visto como diferente, é diferente porque não é igual à maioria; porque se comunica de forma diferente, aprende de forma diferente, age de forma diferente, ou seja, as diferenças são negadas a partir de um parâmetro de normalidade estabelecido culturalmente e socialmente na sociedade. Afinal de contas, somos todos diferentes.



Identities Surdas

Como citado anteriormente, para falar sobre identidade, é necessário elencar as várias posições de sujeito apresentadas por Stuart Hall. E por mais que se concorde com Hall, ao se referir que a identidade do sujeito dependerá da posição que ele estiver assumindo em diferentes momentos, o sujeito surdo, no contexto da sala de aula, precisará da identidade Surda, para se sentir sujeito social. (PERLIN, 1998) é quem define as identidades surdas:

Identidade fluante - o surdo se espelha na representação hegemônica do ouvinte, vivendo e se manifestando de acordo com o mundo do ouvinte. Na verdade, é possível perceber uma não aceitação nesse tipo de identidade. Nesse caso, o surdo está mergulhado na ideologia do ouvinte, desprezando a cultura surda, não conseguindo nem se comunicar com os ouvintes devido à linguagem oral, nem com os surdos em razão da língua de sinais. “É o sujeito surdo, construindo sua identidade com fragmentos das múltiplas identidades de nosso tempo, não centradas, fragmentadas” (PERLIN, 1998, p. 66).

Identidade incompleta - o surdo não consegue captar a representação da identidade ouvinte, sentindo-se em uma identidade subalterna. O surdo age dessa maneira para se socializar de acordo com a cultura dominante. O poder dos ouvintes sobre os surdos é muito grande, sendo muito difícil para estes mudarem a situação. “Aí pode dar início ao que chamo de situações dominantes de tentativa de reprodução da identidade ouvinte” (PERLIN, 1998 p.64).

Identidade de transição - o contato dos surdos com a comunidade surda é tardio, na qual ele passa por um conflito cultural. No processo de transição, o surdo deixa o ouvintismo e assume a identidade surda. No entanto, essa situação causa certas sequelas as quais são evidenciadas em sua identidade. Normalmente os sujeitos que passam por esse processo são filhos de pais ouvintes.

Identidade híbrida - reconhecida nos surdos que nasceram ouvintes e se ensurdeceram e terão presentes as duas línguas numa dependência dos sinais e do pensamento na língua oral. “Estes surdos conhecem a estrutura do português falado e usam-no como língua. Eles captam do exterior a comunicação de forma visual, passam-no para a língua que adquirem por primeiro e depois para os sinais” (PERLIN, 1998 p. 63).



Identidade surda - o ser surdo apresenta características culturais e forma de estar no mundo visual e, conseqüentemente, desenvolvem sua experiência na língua de sinais. Os surdos que assumem a identidade surda são representados por discursos que os veem capazes como sujeitos culturais, uma formação de identidade que só ocorre entre os espaços culturais surdos. A grande característica da identidade Surda é ser surdo.

Ao inserir um surdo dentro de uma cultura que não é a sua, a identidade fica reprimida, exposta a regras determinadas pelos ouvintes. Na verdade, devido ao passado sofredor dos surdos, tentou-se como solução trazê-los para o convívio social, inclui-lo na sociedade, na escola. Segundo Sá (2002, p. 36), na antiguidade, os surdos, vistos como deficientes, eram mortos, geralmente atirados de penhascos. A surdez e os surdos começaram a ter outra significação quando o Judaísmo e o Cristianismo defenderam que eles eram pessoas como as outras. Porém, só a partir do século XVIII que surgem informações sobre surdos no contexto educacional.

Talvez a educação de surdos caminhe a passos lentos, em razão à progressiva política da exclusão, que se torna presente nos mais diferentes contextos. Não é de hoje que a ideia de separar os surdos uns dos outros existe. Sá (2002, p. 55-56) relata um fato interessante:

Ao colocarem os surdos em asilos, ou em escolas com a atmosfera de “lar”, aconteceu um fato involuntário e indesejado por alguns: o desenvolvimento da cultura e da língua de surdos. Em outras palavras: a identidade de surdo foi facilitada pelo armazenamento físico de surdos. Devido ao desenvolvimento de língua de sinais, aos processos de identificação, aos casamentos endogâmicos e ao fortalecimento das comunidades de surdos, surgiram pessoas como Alexander Graham Bell, que acharam que os surdos deveriam ser separados não apenas da sociedade – como tinham sido as práticas usadas nas instituições – mas que deveriam ser afastados uns dos outros.

Os surdos foram separados uns dos outros, em seguida eram obrigados a utilizar a linguagem oral. A educação escolar dos surdos se caracterizou por fracasso, pois não tinham acesso nem à língua de sinais, nem a língua da maioria. A imposição da linguagem oral ou o Oralismo impõe ao surdo uma adaptação forçada à cultura ouvinte e o afasta da cultura surda.

A escola específica



Ao nascer, a criança já está inserida em um determinado grupo, suas necessidades estão relacionadas com esse grupo e serão satisfeitas na relação com ele. O resultado dessa interação dependerá das características próprias de cada criança, além da relação com seu meio. “As crianças, nas suas relações com os iguais, descobrem que é necessária a reciprocidade, para agir conforme as regras, levando em conta que as regras são efetivas, caso as pessoas concordarem em aceitá-las” (PIAGET, apud BORSA, 2007 p.03).

Vygotsky defende que as características individuais e até mesmo suas atitudes individuais estão impregnadas de trocas com o coletivo, ou seja, mesmo o que se tome por mais individual de um ser humano, foi construído a partir de sua relação com o indivíduo. Para ele, a aprendizagem se dá mediante o diálogo do indivíduo com seu meio, na escola, na relação com o professor e com outros colegas.

A LDB 9394/96 declara que as crianças com necessidades educativas especiais estejam, preferencialmente, matriculadas no ensino regular. Em meio a essas necessidades, encontra-se o aluno surdo o qual deverá frequentar a escola junto a estudantes ouvintes. Muitos educadores e, até mesmo, representantes do poder público se baseiam em um mero discurso conformista no qual a educação é direito de todos e o que está descrito, na Lei, não pode ser discutido, mas cumprido.

Fazer valer o direito à educação para todos não se limita a cumprir o que está na lei e aplicá-la, sumariamente, às situações discriminadoras. O assunto merece um entendimento mais profundo da questão de justiça. A escola justa e desejável para todos não se sustenta unicamente no fato de os homens serem iguais e nascerem iguais (MANTOAN, 2006, p. 16-17).

Sabe-se e comunga-se que a educação é um direito de todos, embora esse discurso seja feito apenas para integrar o aluno surdo fisicamente, em meio a uma comunidade que não compartilha a sua língua e, nem sequer respeita o direito de ser diferente. Faz-se importante salientar que o universo denominado Educação Especial abrange dezenas de especificidades, dentre elas a que não se deve equiparar os surdos aos deficientes mentais e, por conseguinte, aos deficientes físicos ou visuais. No entanto, na prática, o que se vê em algumas escolas são a construção de rampas de acesso ou outros equipamentos que facilitam o acesso de alunos portadores de deficiência física.





Mesmo que para pesquisadores, como Santana (2007, p. 42), argumente que a língua não é elemento suficiente para se criar uma cultura; para outros, como Perlin, ela é fundamental para que haja a identidade surda. Na sala de aula, formam-se vários grupos de amigos de acordo com as características de cada um. Naturalmente um ouvinte vai interagir melhor com outro ouvinte; e o surdo com outro surdo ou intérprete (se houver).

Vários encontros e congressos a nível mundial foram realizados a fim de decidir sobre a educação de surdos. Skliar (1998, p. 33) afirma que o de Milão em 1880, havia apenas um surdo o que se conclui a decisão sobre o que é “melhor” para os surdos, cabe à sociedade majoritária ouvinte decidir. E atualmente quem está decidindo: surdos ou ouvintes? Por que ocorrem no Brasil inúmeras manifestações dessas vozes silenciadas? Como a manifestação de setembro azul de 2011, na qual a comunidade surda do Brasil tenta ecoar suas vozes silenciadas.

Vivencia-se um momento em que a escola de surdos que, segundo Sá (2011, p. 17), está ameaçada de extinção. A tão falada “inclusão” se reduz simplesmente a integrar o surdo ao ensino comum. Na verdade, o que acontece é uma generalização, uma vez que o surdo é comparado ao cego, ao deficiente físico e mental. Em função disso, não são levadas em consideração as diferenças de cada grupo. No Brasil, essa proposta quer tratar todos de forma igualitária, alegando acabar com a segregação. No entanto, o que vemos, é uma realidade a qual não se leva em consideração as diferenças. Nesse sentido, é importante fazer referência a Carvalho (2008, p.23) quando afirma que “somos iguais no direito de sermos, inclusive, diferentes!”

Um dos elementos que iguala e também diferencia os indivíduos é a linguagem. Segundo o dicionário Houaiss, ela é qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais e etc. A linguagem permite ao homem a manifestação do pensamento, a comunicação com outros homens. Ela é a marca preponderante de uma cultura e de identidade. Para:

A linguagem [...] é um dos meios mais importantes que utilizamos para nos enunciarmos. É através dela que expressamos nossos sentimentos, nossas crenças e todos os aspectos que nos compõem como indivíduos, ou seja, é através dela que projetamos nossa imagem como ser social, histórico, político, cultural.... Sendo assim, a linguagem não é um mero instrumento de comunicação: ela é, sobretudo, um locus de construção das identidades do sujeito (ORLANDI apud SANTOS 2007, p. 398).



Desde muito pequenos, já se entra em contato com a linguagem, aos poucos os pais ensinam aos filhos as primeiras palavras. Aprende-se a falar porque ouvimos outros falarem, e isso facilita a comunicação. Os bebês manifestam seus sentimentos e necessidades através do choro; mais tarde, conseguem expressar-se através da fala.

A língua vai além de um mero meio de comunicação, caracteriza um povo, sua cultura, sua identidade e dentro desse espaço de educação regular, ela se torna uma grande lacuna. Sendo assim, é possível verificar que a educação inclusiva acontece nos moldes da educação colonial, em que há o sujeito colonizador personificado na população majoritária e o sujeito colonizado que é o surdo. A educação se dá de forma a atender os interesses e necessidades dos ouvintes, ficando o sujeito surdo à margem desse processo educacional. Para a professora surda “a escola de surdos é o único espaço que considero acervo cultural e linguístico do povo surdo”³ (VILHALVA, 2011 p.64).

Nessa perspectiva, a educação de surdos no Brasil só atenderá aos anseios e às necessidades desses sujeitos quando a sua opinião for prioridade. Não se pretende com isso, dividir a educação entre a dos ouvintes e dos surdos. Porém, defender uma educação capaz de atender a todos, sem predominância de um sobre o outro e, principalmente, onde as especificidades linguísticas norteiem esse processo. E, sobretudo, que não sejam negadas as vozes das pessoas surdas novamente.

Caracterizando o espaço da pesquisa

A pesquisa de campo foi realizada em duas escolas da rede estadual de ensino na cidade de Manaus. As técnicas utilizadas para a pesquisa foram a entrevista e observação com os sujeitos participantes do estudo. As coletas de dados ocorreram em duas etapas.

A primeira ocorreu em uma escola específica, localizada na área centro-sul que atende alunos surdos nas modalidades de Educação Infantil e 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental nos turnos matutino e vespertino.

³ Perlin (2003) afirma que não há entre os surdos um consenso comum quanto ao termo. Para ela não é em si um fim acabado. Ele representa de leve os limites de uma “comunidade homogênea” na concordância como as forças que significam os interesses das identidades.





De acordo com as observações, a escola possui uma estrutura que atende o seu público alvo, respeitando sua condição específica que é a língua de sinais. Todos os professores utilizam a Libras como língua 1 e como segunda, a língua portuguesa na modalidade escrita.

Durante as observações, percebeu-se que nessa escola, os surdos encontram seus iguais, a comunicação se dá de forma satisfatória em todos os sentidos, a barreira da língua é vencida. A nossa presença neste espaço, por não saber a Libras, nos faz sentir o que o sujeito surdo pode também sentir ao estar em um ambiente onde a maioria é ouvinte.

Mesmo em um ambiente no qual a língua 1 não seja a Língua Portuguesa, os surdos fazem sentir-nos à vontade, demonstrando bastante interesse em se comunicar conosco. Aquele espaço é o deles, a outra presença é a do diferente; logo, tornamo-nos leigos diante deles no uso de sua língua.

Na sala de aula, a interação é constante principalmente por parte das meninas. Todos demonstram estar à vontade com o professor para questionar e tirar suas dúvidas relacionadas ao conteúdo e, até mesmo, sobre alguma palavra em Libras relacionada às perguntas da entrevista. Em conversa com o professor da sala, ele relatou que os alunos são muito exigentes, quando, por exemplo, o professor demonstra pouca habilidade com a língua de sinais, eles procuram logo a direção da escola para reclamar. Percebeu-se que a Libras é que fundamenta todas as ações e atividades desses sujeitos dentro desse espaço.

Mediante as observações realizadas, durante a coleta de dados na escola, foi possível concordar com muitos autores em relação ao universo linguístico peculiar dos surdos, é nesse e somente nesse ambiente em que os surdos encontram seus iguais e a comunicação, em todos os espaços da escola, realiza-se de forma satisfatória. Faz-nos lembrar da professora Shirley Vilhalva que passou por inúmeras dificuldades para demonstrar que ela era capaz, mesmo surda, de ser professora de surdos em escola específica, declara:

Ali estava com meus iguais: éramos surdos e não sentíamos isolamento ou segregação, sim, éramos poderosos com a nossa comunicação visual, com a nossa língua de sinais. Nesse espaço, a língua de sinais influenciava e se destacava na alegria durante o intervalo: não precisávamos do português, que nos atrapalhava, ou melhor, que era uma língua da qual demorávamos a ser usuários. Era na língua espaço-visual que a gente se entendia, pois éramos um povo visual (VILHALVA, 2011 p. 66).



Ao contrário sobre o que alguns pensam, não é nesse ambiente que há a segregação ou exclusão, pelo contrário, é nele que reina a comunicação plena⁴ dos surdos.

Outra etapa da pesquisa foi realizada em uma escola do ensino regular no centro da cidade de Manaus, que atende alunos surdos e ouvintes na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

A referida escola apresenta uma estrutura física satisfatória, com salas amplas e refrigeradas. No entanto, precisa de inúmeras providências para receber alunos surdos. A começar com o número maior de intérprete na escola. Durante a entrevista, o sujeito F nos informou que as dificuldades são diversas. Há somente ela para atender três turmas, quando fica ausente da sala, as aulas são ministradas normalmente mesmo com a presença dos surdos, ou seja, os estudantes ficam privados de qualquer informação. Outra dificuldade elucidada está relacionada ao repasse do conteúdo de Química e Física devido ao desconhecimento das disciplinas. Sobre a interação entre os alunos, ela informou que se dá de forma satisfatória.

Discussões do resultado da pesquisa

A pesquisa teve como objetivo fazer um estudo comparativo entre os alunos surdos inseridos em Escola de Ensino Regular e em Escola Específica (para estudantes surdos), verificando como ocorre a construção da identidade desses sujeitos em diferentes espaços escolares. Para análise dos resultados, foram construídos tópicos, buscando responder os objetivos da pesquisa.

Construção do eu, enquanto ser surdo

As falas dos sujeitos da pesquisa possibilitaram compreender os diferentes sentimentos da forma como eles se veem enquanto ser surdo, pois as experiências sociais e culturais podem favorecer diferentes vivências e construções subjetivas.

Questionados sobre como se sentem enquanto ser Surdo, o sujeito A, disse “*acho normal, não tenho vergonha. Antes tinha. Gosto de falar a Libras*”. O sujeito B, diz “*eu gosto de ser surda. Gosto de falar em Libras*”.

⁴ Utilizou-se o termo para realçar a importância do ambiente, mas sabe-se que os surdos possuem conhecimento linguístico muito variado e mesmo estando em um espaço que prevaleça a Libras o domínio dela variará de pessoa para pessoa.



A aceitação do sujeito surdo acontece, principalmente, quando começa a haver a interação com os seus pares. “O encontro surdo-surdo é essencial para a construção da identidade surda, é como um abrir do baú que guarda os adornos que faltam ao personagem” (PERLIN, 1998, p.54). Esse contato com seu par já não é possível no ensino comum no qual o número de alunos ouvintes é consideravelmente maior que o de surdos, ficando difícil a concretização da própria identidade dentro desse espaço, pois essa língua não se constitui de forma a atender o status de língua do ser surdo.

O sujeito C que estudou em Escola Bilíngue disse “*acho bom*”. O sujeito D, responde “*mais ou menos. É difícil aprender, pois tem coisas que não conheço em Libras. Em casa não tenho ajuda para entender o que estão ensinando na escola*”. Vale ressaltar que o último sujeito é oriundo de uma escola oralista do estado do Pará e, que somente agora, ele está tendo contato com a Língua de Sinais. Pode-se dizer ainda que, segundo os estudos sobre identidade surda, esse sujeito tem uma identidade de transição devido o contato com a comunidade surda ter sido tardia, passando por conflitos culturais.

O olhar a partir de uma Escola específica e da Escola do Ensino regular: identificação ou negação?

As falas a seguir elucidam as divergências das duas realidades: Escola específica e Escola Regular. Uma que valoriza a língua de seus alunos; outra que prima pela língua da comunidade majoritária, devido não ser possível a construção no momento de duas línguas com modalidades de comunicação diferenciada. E sendo o surdo minoria, sobrepõe-se a língua oral. Ressalta-se que no momento, devido a necessidade de mudanças significativas na própria organização da escola, suas necessidades ainda são atendidas minimamente.

O sujeito A, diz “*é muito bom aqui. Tenho amigos, gosto de brincar*”. O sujeito B, disse “*Gosto daqui. Gosto muito de conversar. Estudei em escola inclusiva, lá não tinha Libras. Eu não conseguia me comunicar. As pessoas eram ignorantes porque eu não entendia o português direito*”.

O diálogo constante e a interação não ocorrem dentro do espaço de ensino comum e, quando acontece, é de forma fragmentada como se o surdo pertencesse a uma identidade subalterna e apenas ele tivesse que se adaptar a esse ambiente.



O sujeito C, diz “*tenho mais dificuldade em entender o Português. Só queria aprender Libras. Apesar de difícil, gosto daqui*”. O sujeito D, por sua vez, disse “*é difícil. Meus filhos tentam, mas é difícil*”.

O Decreto nº 5.626/05 que regulamenta a Lei 10.436/02 garante o direito de uma educação específica, porém não é o que acontece na última escola visitada. Como já citado, há somente um intérprete para três turmas, que torna humanamente impossível atender de forma mínima esses sujeitos.

A escola de surdos precisa continuar sendo defendida na busca de preservar e multiplicar a Libras, como elemento constituidor da identidade do surdo, da possibilidade do conhecimento de mundo e das palavras, como sinaliza Freire.

A importância da língua de sinais na construção da identidade enquanto ser Surdo

Na escola específica, a Libras é a língua 1, ela permeia todos os espaços e situações desse ambiente. É importante ressaltar que se observou na Escola específica a energia com que eles se comunicam, a “dança das mãos” retrata a vida desse povo, sua independência, sua identidade; mostram-se também que estão sempre prontos a ensinar algum visitante que apareça por lá. No Ensino Regular, por sua vez, ela se torna a língua 2, não sendo, portanto, levada em consideração suas peculiaridades linguísticas.

A professora Dra. Kristina Svartholm, da Universidade de Estocolmo, tem uma carta no livro organizado pela professora Dra. Nídia Regina, apresentando o sucesso da educação de surdos na Suécia. Todo esse trabalho só há resultados positivos porque desde a pré-escola, as crianças surdas estão em contato com o ambiente linguístico favorável, o que para ela, “dificilmente poderá ser realizado em um sistema de educação inclusiva” (SVARTHOLM, 2011, p. 286).

Questionados sobre a importância da Libras para a identidade do surdo, o sujeito A, disse “*Sim. Quando há o Oralismo não há comunicação, logo não há identidade*”. A aluna B, disse “*com a Libras há identidade*”.

O sujeito C, disse “*Sim ajuda*”. O sujeito D, por sua vez, disse “*não me fornece muita coisa devido não ter convivência social com outros surdos. A escola comum foi meu primeiro espaço de socialização*”.

O sujeito C, oriundo de escola específica, demonstra completa satisfação e identificação com a identidade surda, o sujeito D, ao contrário, além de aparentar uma



identidade de transição também aparenta estar em uma identidade flutuante, que na insatisfação de ser surda, não consegue de forma satisfatória a comunicação com os ouvintes por causa da língua oral e possui dúvidas quanto à Língua de Sinais.

O contato do sujeito surdo com as manifestações culturais dos surdos é necessário para a construção da sua identidade, caso contrário, sua experiência vai torná-lo um sujeito sem possibilidades de auto identificar-se como diferente e como surdo, ou seja, com determinada identidade cultural (GÓES e LACERDA, 2000, p.24).

Sobre a utilização da Libras em outros espaços sociais os sujeitos A e B relatam: *“utilizamos em casa, igreja, shopping, mas é na escola que usamos mais. O sujeito C é casado com uma surda e diz “utilizo na escola e em casa”. O sujeito D é casada com um ouvinte e diz que a utiliza “só na escola”.*

De maneira geral, a escola deveria proporcionar um ambiente agradável que permitisse uma interação entre todos. No Ensino Comum não acontece dessa forma, a língua não é única para todos, a comunicação acontece com usuários do mesmo grupo linguístico; nesse caso sempre prevalece o grupo majoritário.

Considerações Finais

As discussões acerca da educação sempre serão pertinentes. Quando falamos sobre o aluno com deficiência, surgem inúmeras opiniões divergentes e favoráveis quase sempre repetitivas a respeito da formação e a preparação das escolas e dos profissionais para esse público. A “inclusão” de um aluno surdo vai muito além de adaptações físicas e meramente pedagógicas, a língua, sinônimo da identidade de um povo, é o canal insubstituível para todos os processos que permeiam o espaço escolar.

A pesquisa objetivou fazer um estudo comparativo entre os alunos surdos inseridos no Ensino Regular e alunos surdos em Escolas Específicas, verificando como se dá a construção da identidade em diferentes espaços.

Baseada em leituras, discussões e observações realizadas nas escolas, percebeu-se que nos espaços de Escolas Específicas a Libras é a alma desse povo com particularidades e momentos peculiares e quando ocupam espaços onde o que prevalece é a oralidade da Língua Portuguesa, sentem-se como se fossem estranhos dentro da própria casa. Nesses casos,



tendem ao isolamento, à evasão ou criar e manter um círculo somente com outros surdos ou ouvintes os quais utilizam a Língua Brasileira de sinais.

É interessante ressaltar que durante a entrevista realizada em Escola específica, a expressão de alegria no rosto das entrevistadas era explícita. Durante a pesquisa, foi necessário que o sujeito E desse algumas explicações aos alunos para que entendessem sobre a última pergunta da entrevista em relação à identidade. Em outro momento, ele informa, em linguagem oral “Bom dia, hoje vamos dar aula de Geografia”. As meninas gargalham e lançam uma expressão de repúdio, como se não gostassem da forma falada da Língua Portuguesa, como se naquele ambiente apenas, a Libras fosse permitido entre eles.

A escola regular já galgou grandes avanços no processo de inclusão, garantindo o acesso ao aluno com deficiência, no entanto, ainda é alarmante a permanência e permanência com qualidade.

Diante disso, entende-se que ainda há necessidade de uma política linguística, a qual legitime e garanta à pessoa surda o direito a uma sociedade que valorize e respeite o direito de usar uma língua que se caracteriza por um canal visual, espacial e não auditivo e oral. E, principalmente, não neguem essas vozes que tentam manifestar-se no sentido de dizer o que precisam e necessitam para serem de fato incluído nessa sociedade de relações extremamente contraditórias. A negação da identidade significa a eliminação de uma história e de um povo.

Referências

BORSA, J. C. **O Papel da Escola no processo de socialização Infantil**. Tese (Mestrado). Psicologia Clínica, PUCRS, Rio Grande do Sul, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Especial**. Ensino de Língua Portuguesa para surdos: Caminhos para a prática pedagógica/Secretaria de Educação Especial– Brasília: MEC/SEESP, 2002.

GÓES, Maria Cecília Rafael de; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Surdez: Processos Educativos e Subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 7. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. Et al. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006.

RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. Disponível em <<http://www.josesilveira.com>> no dia 08 de setembro de 2011.





RELEM – Revista Eletrônica Mutações
©by Ufam/Fic/Icsez

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Surdos: qual a escola?** Valer e Edua, 2011.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem**: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTOS, Adriana Flávia Florentino. Et al. Língua Literatura e Ensino “**A Linguagem na construção de Identidades**: O Surdo e o Down. Vol. II. 2007.

SILVA, Tomaz (org). **Identidade e diferença** – A perspectiva dos estudos culturais. 5ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SKLIAR, Carlos. Et al. **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia Improvável da diferença**. E se o outro não estivesse aí? Tradução: Giane Lessa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

